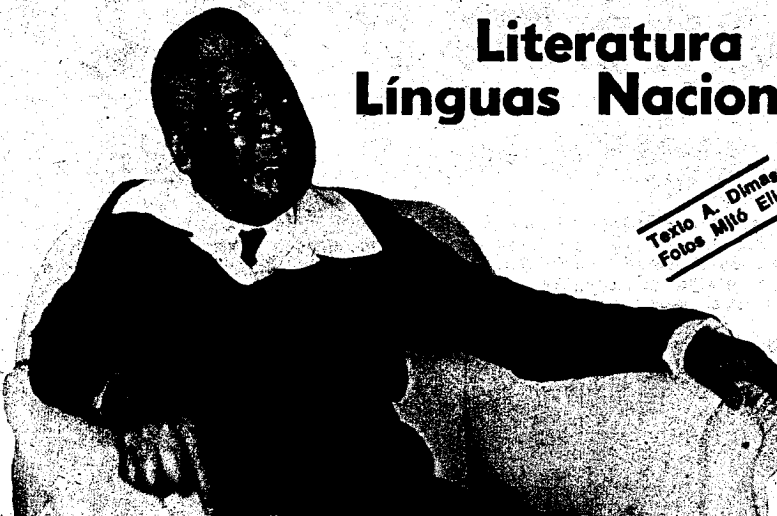


Literatura em Línguas Nacionais

Texto A. Dimas
Fotos Mijó Elias



Escrevo coisas da nossa vida

GABRIEL MAKAVI
ESCRITOR DE LÍNGUA XANGANE

EM ENTREVISTA AO domingo

«Muambi wa vubumabumeri, isto é xangane, isto é o título de um livro, isto, numa tradução grosseira para o português, seria «O narrador de louvores». Isto foi escrito por Gabriel Makavi, autor do livro em questão. Gabriel Makavi, um velho de quem conhecemos, conhecemos muito pouco, quase nada mesmo. Mas um escritor perante o qual todos aqueles que se julgam sabedores, conhecedores da língua xangane, tiram o chapéu. Um poeta antigo «professor indígena», pastor da Igreja presbiteriana (a conhecida Missão Suíça) e, por que não?, um historiador. Contam-se as centenas de poemas que já escreveu, na língua xangane, sua língua materna. Publicados em livro, apenas dezena e meia. Porquê? Makavi, o poeta que, segundo as suas próprias palavras, escreve coisas da nossa vida, do dia-a-dia, de ontem e de amanhã, responde a esta pergunta assim: poucos se interessavam por aquilo que é nosso, pelas nossas línguas. Mas continuou e continua a escrever, apesar de a sua saúde a em particular a sua vista já não ajudar. Gabriel Makavi, um escritor que, estamos certos, um dia será reconhecido um dos pioneiros da literatura xangane em Moçambique.



Capa do livro de Gabriel Makavi

o entrevistado e o repórter. Compreendendo a nossa dificuldade em «entender» uma conversa exclusivamente em xangane, Makavi foi facilitando a linguagem e dias houvesse em que conversávamos apenas em português.

ESCRITOR DESDE MUITO JOVEM

Desde muito jovem que Gabriel Makavi escreve poemas em língua xangane. Conta-nos ele como se iniciou nesta arte:

O meu talento foi «descoberto» por dois missionários da nossa igreja, um de cá e outro sul-africano. Eles viram um texto que eu escrevi em xangane e ficaram maravilhados. Encorajaram-me a continuar, dizendo que era necessário que nós próprios começássemos a escrever na nossa língua, porque

taram e incentivaram a escrever poesia. Começa por Daniel Marivate, um cantor moçambicano que teve muita fama e que Makavi conheceu pessoalmente. Ele perguntava-me sempre quando é que os meus poemas seriam publicados.

Fala também de um certo H. W. E.Ntsan'wisi, um homem de olhos pequeninos e lábios grossos que transportam a riqueza da língua tsonga. O conhecido missionário Filip Junod, amigo pessoal de Makavi, é também citado como sendo um dos que o incentivaram.

É fantástico, este homem — diz Gabriel Makavi, quando fala de Malangatana Ngwenya. Ele sempre me «empurrava» a publicar o livro. Um dia, acabou por perder a paciência e disse-me: use por acaso ouvirmos dizer que morreste, viremos à tua casa não para apresentar con-

Para falarmos séria e seguramente sobre este homem, teríamos antes que passar com ele dias e dias. Dias e dias a tentar «sacar-lhe» as palavras, porque Makavi é mesmo assim: não se escusa a responder a qualquer pergunta, mas fá-lo de forma sucinta e em poucas palavras diz muito.

Infelizmente, tal não foi possível. Conversámos com ele vários dias, mas não foi suficiente. Queríamos muito mais.

UM HOMEM QUE VEM DO SÉCULO PASSADO

Gabriel Makavi é já um velho. Basta dizer que nasceu no século passado, mais precisamente em 1897. Conta agora, portanto, 85 anos de idade. Nasceu em Gaza, no distrito de Chibuto. Faz questão de explicar o seguinte: **Aqueles que me conhecem podem ficar admirados por eu dizer que sou natural de Chibuto. De facto, nasci em Chibuto mas, enquanto criança ainda, fui viver com familiares em Banhine, no Chongoene. Pouco tempo depois**

fui para Maleise e daí para Chicumbane. Quando acabei de estudar fixei residência em Chicumbane. Por isso, diz Makavi, alguns dos seus conhecidos e amigos julgam que ele é de Chicumbane, tanto mais que quando me fui registar, tive que dizer que era natural de Chicumbane, porque eram necessários testemunhas e os que arranjar eram de lá. Não foi possível arranjar testemunhas de Chibuto.

Gabriel Makavi é religioso. Como ficou dito, é pastor, ora reformado, da Igreja presbiteriana. Ainda hoje se nota nas suas palavras (nas suas e nos seus escritos) a influência da religião.

Os seus primeiros contactos com missionários protestantes foram em 1911, quando vivia em Chicumbane. Foi aí que começou a estudar e entre 1916 e 1920 fez o 2.º grau do curso de professores indígenas, em Ricatia («Manhiça») para onde fora enviado pelos missionários. Regressou depois para Chicumbane, onde foi leccionar até 1925. Neste ano foi para a África do Sul, ainda como professor da Missão Suíça. Es-

teve lá um ano e, de regresso à pátria, foi, em 1935, novamente enviado para Ricatia, desta vez para frequentar um curso de teologia, durante três anos. Concluído o curso e depois de trabalhar algum tempo em Moçambique foi novamente para a África do Sul, em 1950, donde regressou quatro anos depois, vindo pela primeira vez para a então Lourenço Marques. Aqui se estabeleceu e trabalhou até 1966, ano em que foi reformado.

Gabriel Makavi é viúvo (sua esposa faleceu em Junho deste ano) e é pai de 11 filhos. Casou-se em 1934, um ano antes de ingressar no curso de teologia.

NÃO FALO BEM PORTUGUES

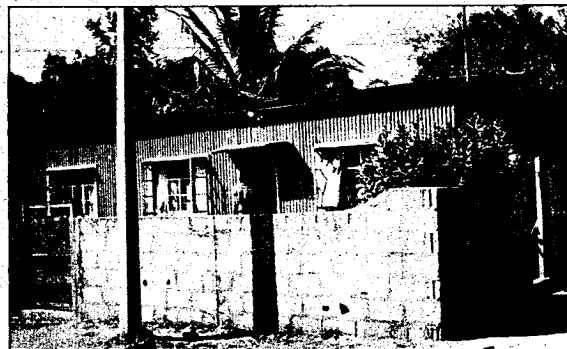
Este escritor de língua xangane mora desde há vários anos numa modesta mas bem tratada casa lá para o bairro do Chamanculo. A nossa conversa com ele desenrolou-se tanto em xangane como em português, uma vez que, quer pela sua idade avançada quer ainda porque estudou em escolas onde a língua portuguesa não era relevante, eu não falo bem português. Outras palavras conheço mas já me esqueci delas.

A primeira vez que com ele conversámos, foi numa linda tarde de Agosto, encontrámo-lo em sua casa entretido em conversa com um familiar que o fora visitar. Levou-nos até ele Malangatana Ngwenha, seu velho conhecido e amigo.

Makavi tem já a vista muito cansada. Por isso, não reconhecemos de imediato o seu velho amigo (entrámos em casa sem nos anunciarmos.) Mas quando este falou, aí sim: oh, afinal és tu Langate.

Foi uma conversa um tanto difícil, e daquele dia. Isto quer porque não nos tínhamos ainda habituado um ao outro quer ainda e principalmente porque quisemos conversar apenas em xangane. Vimo-nos e desejámo-nos para manter a conversa, porque Makavi fala xangane «vernáculo», daquele «pesado».

Nos dias que se seguiram, a conversa foi-se tornando cada vez mais fácil. Já havia aproximação entre



É aqui, no bairro do Chamanculo, que mora Gabriel Makavi

até aí eram só e es que o faziam.

Makavi fala pausadamente, meditando bem as palavras, procurando sempre os termos mais exactos e mais facilmente compreensíveis. Quando fala em português, tem muitas vezes que procurar no subconsciente as palavras que já há muito não pronuncia e lhe escaparam, perguntando como se diz em português isto ou aquilo de que se lembra apenas do vocábulo xangane.

Comecei então a escrever mais. Comecei a escrever para o jornal da igreja, o «Nyelisi ya mixu» (Estrela da Manhã). Aí surgiram outras pessoas a encorajar-me. Foi nessa altura que me começaram a falar da possibilidade de publicar um livro. Disseram-me para juntar todo o material que tinha para isso.

Sobre como o seu talento de escritor se desenvolveu sem ser conhecido, Makavi faz analogia com fogo aceso em lenha húmida. O fogo vai ardendo por dentro, vai queimando o miolo da lenha sem que ninguém o veja. Um dia, vem um vento forte e o fogo aparece à superfície — diz.

No «rito ro rhangas» (prefácio) de «Muambi wa vubumabumeri», Gabriel Makavi pede aos leitores que o critiquem e lhe apontem os erros. Para que numa próxima vez não se repitam. Ele cita nomes de sete das principais pessoas que o inci-

doências mas sim para buscar os seus manuscritos, que não nos feres dar enquanto vivos».

VIVE ENVOLTO EM LIVROS

Na sua casa, Gabriel Makavi vive envolto em livros. Sobre todos livros religiosos, sendo de destacar diversas traduções da Bíblia. Anda sempre com um exemplar de «Muambi wa vubumabumeri» no sovaço.

Makavi passa muito tempo a escrever e a ler. Mesmo assim, arranja sempre tempo para ler os seus poemas para um gravador de cassetes. Diz que este registo é tão importante como a escrita. Ouvimo-lo dizer um dos seus poemas preferidos, o «Ta mpfiimpfiu ya Muzila na Mawewe», e ficámos extasiados. Este homem não só escreve lindos poemas como também os recita que é uma beleza. No papel, os seus poemas talvez até nem tenham tanta força como quando recitados. Aí, a musicalidade, o significado de cada termo, a relação entre uma estrofe e outra, são bem patenteados.

Ficámos deveras impressionados quando o ouvimos recitar. Até aí, lêramos os seus poemas e achámos que eram lindos. Mas, recitados, ditos pela boca do autor, vimos que são maravilhosos. Só então compreendemos que cada pa-



Junto de um velho conhecido e amigo: Malangatana Valente Ngwenya

lavra, cada verso, cada estrofe são estudados com cuidado antes de escritos, porque têm que obedecer a uma métrica, as sílabas têm que estar contadas com rigor, sem o que o poema, ao ser recitado, perca a melodia, a musicalidade que lhe é própria. Este homem não só sabe escrever xangane; sabe escrever poesia em xangane.

Não resistimos e perguntámos a Gabriel Makavi: custa fazer poesia? Respondeu-nos muito simplesmente: **inspiração.**

Através da minha poesia, procuro transmitir notícias. Talvez com isto Makavi queira dizer que na poesia conta o passado. Disso nos apercebemos nos escritos dele a que temos acesso.

ASSOCIAÇÃO DE ESCRITORES

Gabriel Makavi está muito esperançado; em que a criação da Associação de Escritores moçambicanos venha contribuir para o surgimento de valores literários que possuímos no País mas que nunca

se manifestaram por falta de oportunidade. Perguntámos-lhe se pensa candidatar-se a membro desta Associação. Respondeu-nos: **Como é? Paga-se quotas? Quanto é? É que o subsídio de reforma que a igreja lhe dá não chega para nada. Ter que pagar uma quota, por mais pequena que seja, não lhe soa nada bem. Tranquilizámo-lo, dizendo-lhe que, certamente, a Associação iria arranjar a situação adequada para esta sua situação.**

Diz Makavi que é preciso que alguém se preocupe com pessoas como eu. Eu bem que gostaria de transmitir aos mais novos os meus conhecimentos. Muitos dos assuntos que eu relato nos meus poemas aconteceram muito antes de eu nascer. Chegaram até mim através da tradição oral. Têm que ser registados, para que não se percam.

Nas conversas que com ele mantivemos, Gabriel Makavi destacou sempre a importância de haver em Moçambique um ensino das línguas nacionais. Considera que esta falta constitui uma lacuna que deve ser

preenchida quanto mais cedo. Antecipadamente, especialmente nos círculos religiosos, ensinavam-se às pessoas a ler e escrever ronga e xangane — acrescenta. Mesmo assim, reconhece que em Moçambique temos muitas línguas e que, portanto, não podemos pretender que todas elas sejam ensinadas assim de repente. Mas há aquelas sobre as quais em tempos já se fez alguma coisa. Começaríamos por essas mesmo — afirma.

O nosso entrevistado participou no acto constitutivo da Associação de Escritores Moçambicanos. Perguntámos-lhe o que, tinha achado deste acontecimento. Infelizmente, ele ainda não está bem informado do que é esta Associação. Justificou-se: **Já não tenho idade para aguentar reuniões longas como aquela. Foi à reunião mas já não pude ir, por exemplo, à recepção. Já não tinha forças para isso.**

MAIS UM LIVRO? CONZERTEZA!
Pensa publicar mais algum livro? **Conzerzeza. Sempre que tiver oportu-**

tidade para tal fá-lo-ei. Mas Makavi é exigente. Tão exigente que nos mostrou o esboço inicial da capa do seu livro, que lhe tinha sido enviado para aprovação, antes de se editar o livro, e disse: **Não é exactamente igual à capa que publicaram. Eu aprovei esta capa mas publicaram outra.** A diferença entre as duas capas é mínima, de pormenor. Mas para Makavi é muito grande. Por isso, quando lhe falámos em publicar um livro em Moçambique, mostrou-se reticente. O «medo» dele é que os nossos revisores deixem passar muitas graças. **Eu não sou perfeito. Por isso, preciso que haja gente que corrija aquilo que escrevo. Por exemplo, no meu primeiro livro, corrigiram-me alguns erros que eu tinha feito.**

«Muambi wa Vubumbumeri» foi impresso pela Morija Printing Works do Lesotho, para a Sasavona Publishers & Booksellers, de Braamfontein, África do Sul. Os manuscritos foram enviados para a tipografia em 1975, acabando o livro por ser publicado cinco anos de-

pois, isto é, em 1980.

Alguns dos poemas de Gabriel Makavi são apresentados com certa frequência no Emissor Interprovincial de Maputo e Gaza da Rádio Moçambique. Amigos seus que ali trabalhavam ou trabalharam, como é o caso do seu sobrinho Abner Sando Muthemba, são quem leva este material para o divulgar.

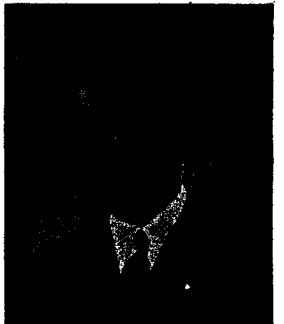
Em «Muambi wa Vubumbumeri» Makavi publica 15 títulos, entre os quais destacamos: **Ndala ya ka N'wantsimba-ku-alela** «A Fome de N'wantsimba-ku-alela»; **«Swa tolo ni swa nanunthas»** (Coisas de ontem e de hoje); **«Xilwa xa Moçambique»** (Flor de Moçambique); **«Malangatana Valente Ngwenya»** («Ta mpilumpfili ya Muzila na Mawewe»); **«Nkuru wa ku khangule yin dlu ya xicolo ka Mawewe»** (Festa de inauguração do edifício da escola de Mawewe); e **«ni mani Chivambu Eduardo Mondlane?»** (Quem é Eduardo Chivambo Mondlane?).

Poesia de Gabriel Makavi

Gabriel Makavi é um nome de pouco conhecido nos meios intelectuais moçambicanos. Isto deve-se, certamente, ao facto de ele fazer literatura em língua tsonga, que pouca gente domina aqui no nosso país. De resto, até à altura da nossa independência Makavi não tinha nada publicado, e não ser num jornal da Igreja Presbiteriana (Missão Sulca) denominado (Nyeleti ya nako) ou «Mafahwe».

Sobre este poeta falamos com profundidade noutras páginas desta edição. Aqui apresentamos um dos seus poemas, dedicado a um velho conhecido e amigo seu, Malangatane Valente. A tradução, como é evidente, faz perder muito da força do poema.

Não foi possível conseguir melhor tradução, mas mesmo que a conseguíssemos, muita da força do poema continuaria perdida. Porque é impossível traduzir exactamente um poema de uma língua para outra. E neste caso, então, em que são usadas expressões e palavras que não têm correspondente na língua portuguesa, são usados termos onomatopáicos que em tsonga têm um significado concreto mas já o não têm em português, a tarefa torna-se ainda mais difícil. Pretendemos apenas dar uma ideia do que são os poemas desta que podemos considerar desde já um dos pioneiros da literatura escrita em língua tsonga no nosso País.



MALANGATANE VALENTE NGWENYA

Malangatane Valente Ngwenya:
De ti se pode dizer que
«Os pensamentos não se emprestam»
São riqueza de cada um.
Mas os teu vão aqui desta regra.
Mesmo que sejam colhidos
Por gentes várias em Moçambique
Que discussão não nasceria ali!
Todas elas espantariam
Pela sua tão grande profundidade!
Fluem até transbordar!
Tal como uma fonte natural
Que transvazasse maravilhas!

No Kimberley — «Kambini»
Pequenos-pastores de gado
Costumavam brincar às pedradas
Com pedras de brilho deslumbrante
Mas apesar de elas oscurearem
Como o sol do meio-dia
Não adivinhavam
O valor dessas pedras
Mas eis que lhes apareceram
Um tal inglês
Que lhes revelou o valor
Das pedras de diamante

Assim foi também com o jovem «Langate»
Passaram-se anos e anos
E ele a brincar
Rabiscando desenhos
Inspiração que brotava
Das profundezas do seu cérebro
Rabiscava coisas na areia
Rabiscava coisas em papéis
Coisas que lhe satisfiziam tanto, tanto
Como a noiva agrada o noivo!
Porém ele ignorava
Que esses rabiscos tinham valor imenso

Certo dia
Sobressaltou-se ao ser surpreendido
A rabiscar e a pintar
Pintava retratos e retratos
De coisas de significado oculto
Jamais vistas em lado nenhum!
Que seres são esses, meu irmão?
Não serão por acaso (fantasmas)?
Essas bocas-derretes-olhos que eles têm!
Tão difícil se torna
Olhar para eles uma, duas vezes!
Até a pele se arripa
Hayi, esta sabedoria de «Langate»!
Pois, então, quem o surpreendeu?
Atenção que eu o apresento:
«Senhor Augusto Pereira Cabral»
Encheu-o de dinheiro, muito dinheiro!
Hoyo-hoyo o estímulo que foi!
Foi avante a inspiração
Recriando
O que está escrito no Génesis
Inventando coisas que não existiam
Que nasceram já a falar
Línguas que só ele entendia
Hayi, esta sabedoria de «Langate»!

«O excelente Miranda Guedes»
Caçador dos que têm sabedoria
Ele também o descobriu
E o abraçou de encontro a si,
Atiçando o fogo do pote
Da sabedoria de «Langate» Ngwenya.
Que transbordava do seu cérebro
Por falta de quem lhe regulasse a ebulição.
Homem de bom coração «Senhor Guedes»
Hayi! Tome aqui uma boia de dinheiro!
Uma dança ritmada por um côro nasceu:
Dance, dance fortemente. «Langate»!

Ainda dominado pelo espanto
Espanto de receber aplausos
Por aquilo que acha insignificante:
Aparece-lhe «Senhor António Pereira Cabral»
Dirigente e timoneiro
Na reunião denominada:
«Dos varões de Moçambique»
E desta feita o acarinhou
Com valoroso apoio
Também o «Instituto do Trabalho»
Proseguiu na mesma senda
Hayi! Avante, avante, «Langate»!

Mas há uma bela aprendizagem
Nesta vida que vivemos:
«A sorte protege os auidazes»
Oihai a testa de «Langate»
Que brilha como espelho
Reflectindo a beleza do seu pensamento
«Coroa dos varões para este varão»
Vanguarda dos filhos de Moçambique
Provoca a vergonha dos que nos desprezam
Gente de raças que dominam
A totalidade da terra.
Crie outros iguais a ele, Matalane (a)

A todos vós, filhos de Moçambique
E a todos os que estão fora desta terra
No ocidente e no oriente
Vinde aplaudir
Aplaudir o grande N'wangwenya
Palmeira viril e erecta
Com seus dádivas maravilhosas
Que untam a cabeça
Fertilizando as raízes do seu cérebro
Que goza de uma bênção
Bênção desta árvore
Maravilhosamente frutuosa

O doce sabor desses frutos
De uma incomparável forma
Abanou Maputo
Abanou África
Quadros que «Só Langate Conhece»
Foram de lés a lés:
Maravilharam as pessoas do Cabo
Maravilharam as pessoas de Johane!
Ainda ontem, ontem mesmo
Neste ano que já passou
Avançaram até Salisbury!
Voaram mais além até Nigéria!

Eis que depois disso
Hubu-hubu! Vento de tempestade,
Tempestade do Sul de Moçambique

Que trouxe o doce aroma
A pintura que «Só Langate Conhece»
Pintura que sulcou
A profundidade das ondas do mar
Phandlu-phandlu-phandlu! Khupu-khupu!
Ei-la nos bosques de Inglaterra
Aonde fora convidada a ir
Ao chamado «Instituto»
Da arte contemporânea

A pintura que «Só Langate Conhece»
Através dos mares
Prémios foi ganhar
A «Gulbenkian» abre-se
Eis uma boia!
Escancaram-se as portas do avião
Pyoko-pyoko! Aterra em Lisboa!
E-lo que mergulha na fonte da arte de pintar
E nela fortemente batalha
Saltita de País para País
Como piriquito
Em galhos de árvore
Investigando com persistência
A arte de pintar e seus segredos
PARABENS GRANDE LANGATE!
PARABENS GRANDE LANGATE!
PARABENS GRANDE LANGATE!

GABRIEL MAKAVI

(Tradução de A. M. e A. D.)

(a) Malangatane nasceu em Matalane, na Província do Maputo.

MALANGATANE VALENTE NGWENYA

Malangatane Valente Ngwenya:
«Miamkanyo a va kumbani!»
I rukosi bya masi na masi;
Kambe ke a ya wani yinshi
Hambi loko ya hlongwenya
Hi unxakanya hi M'wabiquye.
Yi hlongwenya ku phikiana!
Yahaiere a va ta hlamisa!
Hi leswi yi nga eita swonghisi!
Yi chukuleti yi za yi khapa!
Tani hi xihlora xa xhanga.
Yi kumpuleta swihlamisa!

Tikwini re le Khimbini: «Kimberley».
Khalo vatsanyana va kona.
A va tanga ngopfi hi maribye.
Maribye ro batimisa ku yoo!
Ka hambi leswi nga ma va swana
Ku kotisa dyamba ni ahikankhi.
Kinsime ya maribye wotawa.
A yi fihlakani ka yona.
Ku konza ku ta ta hamelela
Enkulu wa munhu wa munghiza,
La nga va paluxela risma

Ra maribye ya tidayimani!
Swi ve tano ka jaha «Langate»
Ku hundzile sundembanyana,
Na a ri karhi a tlangela.
Hi ku rharhambulela mizidhani,
Nyanyala leyi hulumaka
Xhiboyeni xa hlongwe nhikweni!
A rharhambulela zipfunyeni.
A rharhambulela maphepheni.
Na yi mu bakisa ngopfi-ngopfi!
Tani hi muswetisi ka jaha!
Kambe a nga tiranga leswaku
Kasi yi ni rama swonghisi!
Kava loko hi siku tin wana
Se a tshuka hi ku pangwenya
Na a rharhambulela ni ku penda.
Kho a penda-penda swifano
Swa mchumho leyi nga tswiriki.
Kambe a swa nga omisa helo;
I swilo swa xivumbeka simbe
Xibuyi kumbe-ke hi swa «swigwino»
Milon «matinye-mahlo-ya-swana»!

(Reprodução de uma passagem do poema original de Gabriel Makavi dedicado a Malangatane e cuja tradução vem inserida nesta página)